

Síntese do informe:

Declaração conjunta do UNICEF, UNFPA e OMS para que cessem os ataques à Saúde na Ucrânia. OMS discute maus tratos sofridos por mulheres e recém-nascidos durante o parto.

66ª CSW ocorre de 14 a 25 de março pedindo maiores investimentos para combate às mudanças climáticas e políticas com foco em meninas e mulheres.

24 de março é o Dia Mundial de Combate à Tuberculose e a OMS lança diretrizes atualizadas sobre o cuidado em crianças e adolescentes.

Unicef aponta tendências para a saúde de crianças nos próximos 12 meses e possíveis desafios a serem enfrentados.

Apelo para o fim dos ataques às Unidades de Saúde na Ucrânia, 66ª sessão da Comissão Sobre a Situação da Mulher e Dia Internacional de Combate à Tuberculose

Maria Auxiliadora de Souza Mendes Gomes
Maria Teresa Rossetti Massari

Declaração conjunta do UNICEF, UNFPA e OMS: Parem os ataques às Unidades de Saúde na Ucrânia. O documento é assinado por Catherine Russell, diretora executiva da UNICEF, Natalia Kanen, diretora executiva da UNFPA e Tedros Adhanom, diretor geral da OMS.

“Hoje, pedimos a cessação imediata de todos os ataques aos cuidados de saúde na Ucrânia. Esses ataques horríveis estão matando e causando ferimentos graves a pacientes e profissionais de saúde, destruindo a infraestrutura vital de saúde e forçando milhares a renunciar ao acesso aos serviços de saúde, apesar das necessidades catastróficas. Leis humanitárias internacionais e os direitos humanos devem ser respeitados, e a proteção dos civis deve ser nossa principal prioridade. Atacar os mais vulneráveis: bebês, crianças, mulheres grávidas, aqueles que já sofrem de doenças, além de profissionais de saúde que estão arriscando suas próprias vidas para salvar vidas, é um ato de crueldade inconcebível”.

Desde o início da guerra até o dia 13 de março, foram documentados 31 ataques a unidades de saúde, sendo 24 incidentes a estabelecimentos de saúde, causando danos ou destruição e 5 ataques a ambulâncias. Essas ações causaram pelo menos 12 mortes e 34 feridos e afetaram o acesso e a disponibilidade de serviços essenciais de saúde. Desde então, os ataques continuam sendo relatados, apesar dos pedidos de proteção aos cuidados de saúde.

Os ataques aos cuidados de saúde e aos profissionais de saúde afetam diretamente a capacidade das pessoas de acessar serviços essenciais, especialmente mulheres, crianças e outros grupos vulneráveis. Desde o início da guerra, mais de 4.300 nascimentos ocorreram na Ucrânia e 80.000 mulheres ucranianas devem dar à luz nos próximos três meses. O oxigênio e os suprimentos médicos, inclusive para o tratamento de complicações na gravidez, estão perigosamente baixos.

Para acessar a declaração na íntegra, [clique aqui](#).

Edição Especial OMS/HRP (Human Reproduction Programme)¹ discute os maus tratos sofridos por mulheres durante o parto e estratégias para melhorar a qualidade do atendimento.

Os maus-tratos a grávidas e recém-nascidos, são um problema generalizado em todo o mundo. Diversas pesquisas trazem evidências de que a assistência em maternidades, das nações mais ricas às mais pobres do mundo, violam os direitos humanos. Os maus-tratos, sejam sutis ou ostensivos, intencionais ou não, estão sendo reconhecidos como um problema urgente. Um crescente movimento global foi criado, abrangendo os domínios da:

- Pesquisa, qualidade e educação em saúde;
- Direitos humanos;
- Defesa dos direitos civis.

Maus-tratos aos pais e recém-nascidos no período do nascimento são muitas vezes “normalizados” na cultura hospitalar e exacerbados pela falta de consciência dos direitos dos pacientes, discriminação de gênero e deficiência nas habilidades de empatia clínica e perspectiva humana. No nível individual e comunitário, há uma aceitação tácita dos maus-tratos como costumeiros e até mesmo esperados. São muitos os casos de abuso físico e verbal, humilhação, negligência e abandono dos cuidados de mulheres de alguns segmentos da sociedade, incluindo certos grupos raciais, étnicos e religiosos, migrantes, adolescentes, mulheres com deficiência e outros.

Os profissionais de saúde, muitas vezes vistos como perpetuadores de maus-tratos, são frequentemente sobrecarregados, mal pagos e não reconhecidos.

O que se sabe

O cuidado respeitoso em maternidades requer mais do que a eliminação de maus-tratos. É essencial garantir a todas as mulheres a manutenção da sua dignidade, privacidade e confidencialidade, assegurar a liberdade de danos e maus-tratos, permitir escolhas informadas e apoio contínuo durante o trabalho de parto e parto.

Os tipos de maus-tratos variam muito e pode ser um desafio categorizar os fatores. Eles podem ser resultado de deficiências sistêmicas ou comportamentos dos provedores ou uma mistura de ambos. O combate aos maus-tratos requer esforços concentrados em todos os setores e precisa ser abordado como uma questão social e por grupos multissetoriais de pessoas trabalhando em conjunto.

No Brasil

A Pesquisa Nascer no Brasil, inquérito nacional sobre parto e nascimento (2011-2012) aponta a dimensão dos desafios na garantia do cuidado clínico adequado, indispensável para a melhoria dos indicadores de morbimortalidade materna e neonatal. A pesquisa avaliou o uso das boas práticas e de intervenções obstétricas na assistência ao trabalho de parto e parto de mulheres de risco obstétrico habitual, no SUS e no setor privado.

As boas práticas durante o trabalho de parto ocorreram em menos de 50% das mulheres, enquanto práticas que carecem de evidências foram amplamente utilizadas: 40% de uso de ocitocina e amniotomia, 37% de manobra de Kristeller, 56% de episiotomia e 92% de litotomia (Leal, 2014²).

Em relação ao cuidado ao recém-nascido, práticas consideradas inadequadas como uso de oxigênio inalatório (9,5%), uso de incubadora (8,8%), aspiração gástrica (39,7%) e de vias

¹ O HRP tem sede na OMS em Genebra, Suíça. Sua função é apoiar e coordenar pesquisas em escala global, sintetizando pesquisas por meio de revisões sistemáticas da literatura, com o objetivo de desenvolver essa capacidade em países de baixa renda. Também desenvolve ferramentas de disseminação e uso eficiente das evidências.

² LEAL, M.C. *et al.* Intervenções obstétricas durante o trabalho de parto e parto em mulheres brasileiras de risco habitual. Cad. Saúde Pública [online]. 2014, vol.30, suppl.1, pp.S17-S32. ISSN 0102-311X. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00151513>

aéreas (71,1%) foram excessivamente utilizadas. A ida ao seio materno na sala de parto foi considerada baixa (16,1%), mesmo nos hospitais com título de Hospital Amigo da Criança (24%) (Moreira, 2014³).

Avaliação de práticas em maternidades integrantes da Rede Cegonha, realizada por pesquisadores da Escola de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/FIOCRUZ; Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira – IFF/FIOCRUZ e Universidade Federal do Maranhão, no período 2016-2017, apontam para uma melhoria do padrão de práticas na atenção ao parto e nascimento no Brasil quando comparado aos dados da Pesquisa Nascer no Brasil. O aumento relativo das boas práticas no parto foi maior nas regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, para mulheres com 35 anos e mais, pardas e pretas e menos escolarizadas sugerindo que a Rede Cegonha foi efetiva em reduzir as iniquidades em saúde. Com relação ao cuidado ao RN saudável no momento do nascimento, também se evidenciou um padrão de melhora quando comparado a 2011: maior frequência de contato pele a pele, amamentação na primeira hora e redução de aspiração de vias aéreas superiores.

A manutenção e ampliação dos avanços na direção de um modelo de cuidado ao parto e ao recém-nascido mais seguro e respeitoso devem estar incluídos na agenda de prioridades das políticas de saúde.

Para acessar as publicações da Pesquisa Nascer no Brasil, [clique aqui](#).

Para acessar os resultados da Avaliação da Atenção ao Parto e Nascimento em maternidades no âmbito da Rede Cegonha (<https://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/edicoes/avancos-e-desafios-da-assistencia-ao-parto-e-nascimento-o-papel-da-rede-cegonha/218>)

Vídeo: [Nascer no Brasil: parto, da violência obstétrica às boas práticas](#)

Nações Unidas (UN)

As Nações Unidas realizaram a **66ª Sessão da Comissão sobre a Situação da Mulher (Commission on the Status of Women - CSW)**, entre 14 e 25 de março. O foco do maior fórum global que aborda questões sobre igualdade de gênero e empoderamento feminino, em 2022 será chegar a essa meta no contexto das mudanças climáticas, ambientais e de desastres.

Mulheres e meninas precisam ser melhor representadas em todos os aspectos das mudanças climáticas, políticas ambientais, redução de risco de desastres desde os espaços de liderança e tomada de decisão, coleta e análise de dados, até a formulação de políticas, elaboração de programas e todo o caminho até a implementação no terreno, bem como o monitoramento e avaliação desses esforços.

Os palestrantes destacaram também a necessidade de considerar outros grupos marginalizados e sub-representados na tomada de decisões, como jovens, mulheres com deficiência e indivíduos LGBTQ+ para estarem no centro das conversas e planos de ação globais, em todos os processos e sistemas.

A necessidade de financiamento foi tema abordado no rascunho (a ser aprovado pela Comissão). O texto base aponta para a necessidade de um compromisso anual de US\$ 100

³ MOREIRA, M.E.; GAMA, S.G.; PEREIRA, A.P.; SILVA, A.A.; LANZKY, S.; PINHEIRO, R.S.; GONÇALVES, A.C.; LEAL, M.C.. Práticas de atenção hospitalar ao recém-nascido saudável no Brasil. Cadernos de Saúde Pública (ENSP. Impresso), v. 30, p. S128-S137, 2014.

bilhões para apoiar países em desenvolvimento na abordagem das mudanças climáticas e na integração de gênero.

Para acessar o vídeo de apresentação da embaixadora das Nações Unidas na África do Sul Mathu Joyini, [clique aqui](#).

Para acessar outras notícias e plenárias da 66ª CSW, [clique aqui](#).

Para acessar o rascunho das conclusões a serem acordadas, [clique aqui](#).

Na sessão de 16 de março, a diretora executiva da ONU Mulheres, Sima Bahous, falou sobre as mulheres afegãs: “As mulheres afegãs se recusam a desistir de seu direito de viver uma vida livre e igualitária, e nós as apoiamos. Mas elas não podem fazer isso sozinhas. A comunidade internacional deve continuar a investir intencional e diretamente na sociedade civil das mulheres e apoiar a reconstrução do movimento das mulheres”. Em seu discurso principal, Sophie, Condessa de Wessex do Reino Unido, acrescentou que enquanto a comunidade global mudou a atenção para a invasão da Ucrânia, a crise no Afeganistão não pode ser esquecida.

Ao mesmo tempo em que líderes mundiais pediam por políticas mais inclusivas e centradas em meninas e mulheres na 66ª CSW, o Ministério da Educação do Afeganistão anunciou a reabertura das escolas para meninas, que estavam fechadas há sete meses. Em menos de 12 horas após o anúncio, meninas esperavam em frente às escolas e foram mandadas de volta para casa. O posicionamento do Talibã é de que não há previsão para mudança de decisão, ainda que a educação de meninas fosse uma exigência-chave para o reconhecimento futuro da administração do Talibã.

Para ler a notícia sobre a sessão, [clique aqui](#).

Para ler a notícia completa sobre a abertura e fechamento das escolas para meninas no Afeganistão, [clique aqui](#).

24 de Março: Dia Mundial de Combate à Tuberculose (Organização Mundial da Saúde - OMS)

Dia 24 de Março é o Dia Mundial de Combate à Tuberculose, e a OMS lançou uma [diretriz com recomendações para o cuidado de Crianças e Adolescentes](#). O documento aborda o tratamento da tuberculose em crianças e adolescentes e inclui recomendações que abrangem a cascata de cuidados da TB, desde triagem, prevenção e diagnóstico abordagens para o tratamento de TB suscetível e resistente a medicamentos, modelos de cuidados para otimizar os esforços de prevenção e detecção de casos de TB. As novas recomendações reconhecem o impacto da COVID-19 nos serviços TB e a necessidade diagnosticar e tratar mais crianças e adolescentes com TB.

Deve-se considerar o que o combate à tuberculose sofre o impacto dos efeitos indiretos da pandemia nos serviços essenciais, particularmente nos países de menor renda e com menos densidade e estabilidade em seus sistemas de saúde. Programas de imunização e de detecção precoce de doenças como tuberculose foram prejudicados e ainda enfrentam ameaças no que se refere à cobertura e resolatividade. A OMS realizou estudo em 20 países sobre esse impacto em serviços essenciais. No Brasil, as avaliações foram realizadas sob a condução da OPAS nos municípios de São Luis (MA), Niterói (RJ) e Pelotas (RS). Os resultados e sua análise devem ser valorizados como subsídios para a superação do impacto negativo da pandemia no combate à tuberculose.

Contexto Global:

- Em 2020, aproximadamente 1,1 milhão crianças e adolescentes menores de 15 anos tiveram tuberculose (TB) em todo o mundo.
- 226.000 crianças e adolescentes perderam suas vidas para a TB em 2020, uma doença evitável e curável.
- 21.000 (ou 9%) das crianças e adolescentes menores de 15 anos que morreram de tuberculose viviam com HIV.
- Estima-se ainda que 63% das crianças e adolescentes menores de 15 anos com TB não foram notificados ou não tiveram acesso a serviços de diagnóstico e tratamento; a proporção é ainda maior (72%) para crianças menores de 5 anos.

O progresso para atingir as metas estabelecidas pela ONU está atrasado:

- Apenas 41% das crianças foram diagnosticados e notificados entre 2018 e 2020 (1,4 milhão de 3,5 milhões).
- Apenas 12.200 crianças iniciaram o tratamento para no período, o que se traduz para menos de 11% da meta estabelecida.
- Apenas 29% das crianças elegíveis menores de 5 anos acessou o tratamento preventivo da tuberculose, o que significa que quase dois terços desse grupo continua em risco de adoecer por TB.

Importância do tema para Crianças e Adolescentes

Diagnosticar TB em crianças pode ser um desafio devido a diversos fatores, que incluem a natureza inespecífica dos sintomas de TB, que são semelhantes a outras doenças infantis, e dificuldades em coleta de amostras para testes diagnósticos.

Lactentes e crianças pequenas (especialmente menores de dois anos) correm maior risco de desenvolver meningite tuberculosa e disseminada, doença associada a alta morbidade e mortalidade.

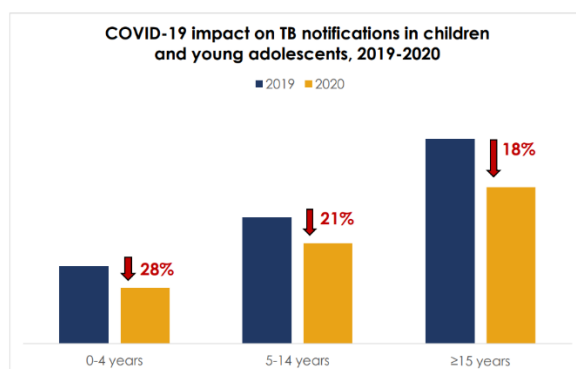
Os adolescentes costumam apresentar tuberculose infecciosa, doença geralmente observada em adultos. No entanto, adolescentes compõe um grupo mais vulnerável à problemas psicossociais, exigindo cuidadosa consideração dos profissionais de saúde no apoio ao tratamento.

É preciso gerenciar a tuberculose em crianças e adolescentes, reconhecendo as características e necessidades singulares desse grupo, bem como de seus pais, cuidadores e famílias.

Impacto da Pandemia de COVID-19 - A COVID-19 teve um impacto negativo e desproporcional adicional nas crianças e adolescentes com TB e em risco de TB:

- Observou-se um aumento significativo nas notificações de crianças com TB: de 340.000 em 2011/2012 para mais de 520.000 em 2019, seguida por uma queda substancial em 2020, como resultado do impacto da pandemia de COVID-19.
- Uma análise detalhada apontou queda de 28% nas notificações entre 2019 e 2020 em crianças menores de 5 anos. Nos grupos de 5 a 14 anos as notificações caíram 21% e em maiores de 15 anos, 18%.
- As mortes gerais aumentaram pela primeira vez em uma década, de 1,4 milhão em 2019 para 1,5 milhão em 2020, como resultado do impacto da pandemia de COVID-19.

Impacto da COVID-19 nas notificações de TB em crianças e jovens adolescentes, 2019-2020.



Para acessar o infográfico, [clique aqui](#).

Para acessar outros materiais sobre Tuberculose na Infância, [clique aqui](#).

A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS/PAHO) também se manifestou sobre a situação da tuberculose nas Américas e pediu maiores investimentos para o combate à doença, ainda muito negligenciada.

Todos os dias, mais de 70 pessoas morrem e 800 adoecem de tuberculose nas Américas. Embora os esforços para combater a doença tenham salvado mais de 1,2 milhão de vidas na região desde 2000, estima-se que as mortes anuais tenham aumentado em 3 mil no ano de 2020 devido à interrupção de serviços essenciais.

Estima-se que 18,3 mil crianças e adolescentes menores de 15 anos vivam com tuberculose nas Américas, mas mais da metade não tem acesso a serviços de diagnóstico e tratamento.

O tema da campanha de 2022 é "**Invista no fim da tuberculose. Salve vidas**" e transmite a necessidade urgente de investir em recursos financeiros, humanos e tecnológicos para intensificar o combate à doença e cumprir os compromissos assumidos pelos líderes mundiais.

O aumento do investimento em pesquisa e serviços de tuberculose aceleraria a recuperação dos ganhos contra a doença. Os gastos globais com diagnóstico, tratamento e prevenção da tuberculose em 2020 foram menos da metade da meta global de US\$ 13 bilhões por ano prevista para 2022. De acordo com a OMS, é necessário um adicional de US\$ 1,1 bilhão por ano para pesquisa e desenvolvimento.

Para acessar a notícia completa, [clique aqui](#).

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)

Ao entrarmos no terceiro ano da pandemia, o que pode ser feito para melhorar as oportunidades para as crianças? Perspectivas globais para as crianças em 2022

A COVID tem sido uma crise singularmente desigual, com maior impacto entre as crianças mais pobres e vulneráveis. O ano de 2021 começou com um sentimento de esperança com o início da vacinação em todo mundo, apontando para um possível fim da pandemia. Doze meses depois, ainda enfrentamos a realidade de uma distribuição desigual de vacinas e o surgimento da variante Omicron. Ao entrarmos no terceiro ano de pandemia, os danos causados às crianças são cada vez mais evidentes:

- Aumento recorde da pobreza infantil;
- Contratempos para progredir na vacinação de rotina;
- Interrupção na educação para uma geração inteira como efeito colateral não intencional dos esforços para administrar e controlar a pandemia.

A análise da UNICEF aponta dez tendências principais que vão afetar as crianças nos próximos 12 meses, ajudando aos que trabalham para apoiar as crianças a sobreviver e prosperar, entender melhor onde estamos, para onde estamos indo e o que precisamos fazer.

Os principais pontos abordados incluem:

- A comunidade global precisa reformular sua estratégia de combate ao COVID: focar não apenas em mitigar o vírus, mas em mitigar seu efeito na sociedade – principalmente nas crianças.
- As consequências do fechamento de escolas continuarão a ser sentidas: as perdas de aprendizado são piores do que o previsto e as estratégias negativas de enfrentamento, incluindo trabalho infantil e casamento, estão aumentando.
- Falta de cooperação global coloca em risco a meta do G20 de vacinar pelo menos 70% da população em todos os países até o meio do ano, aumentando as chances de outras variantes e atrasando a eventual contenção do vírus.
- As desigualdades vão assumir novas formas, com acesso restrito a dose e reforço das vacinas contra COVID e acesso a tratamentos que salvam vidas.
- Prevê-se necessidades humanitárias recordes em 2022 à medida que o impacto das alterações climáticas aumenta, desencadeando novos desastres, gerando instabilidade e exacerbando as vulnerabilidades já existentes.
- Crianças e jovens expressam maior otimismo em relação ao futuro e 2022 apresentará oportunidades para provar que estão certos. Por exemplo, a tecnologia e a infraestrutura desenvolvidas para a pandemia podem impulsionar a próxima revolução na sobrevivência infantil.

Para acessar a publicação completa, [clique aqui](#).